

exemplo, a pomba tem que subir quando corta os ares um falcão que nem o olhar mais agudo pode descobrir. Para tal, o falcoeiro usa como vigia um pássaro pequeno, do tamanho de um tordo, o qual é mantido preso junto à pomba e que talvez pressinta mais do que veja, a uma incrível distância, a presença do falcão. Então avisa com pios agitados.

A caçada tem este caráter mágico porque parece deparar o mundo. Os caçadores, junto com suas presas, caem no feitiço, se fundem em suas próprias armadilhas. Tanto o obscuro caçador de pássaros, que consumiu sua vida no ofício, quanto o ornitólogo ilustrado se transformam em Papageno\* e assistem ao espetáculo como dançarinos em êxtase. Também sobre mim desmoronou o rápido e profundo arguejo da paixão.

Convém advertir que não sou caçador e que, apesar de meu nome, a caçada me repugna. Talvez tenhamos nascido para pescadores e caçadores, e matar seja o nosso ofício. Pois bem, então mudei de vocação. Em matéria de caça com falcões, me inclino mais para o lado da garça que para o do falcão que a extermina. A garça tenta mais uma vez ganhar altura, porém o falcão a supera sempre, até que afinal suas penas caem dispersas.

A gazela é uma das criaturas mais encantadoras: as mulheres grávidas se sentem à vontade perto delas, seu olhar foi cantado pelos poetas. Vi-o vidrado no fim da caçada, enquanto o falcão esvoaçava no pó e os cães escarvavam o chão. Os caçadores matam, com singular prazer, o que é belo.

\*Papageno, vendedor de pássaros na ópera de Mozart *A flauta mágica*. (N. da T.)

Mas não estamos falando do olhar da gazela, e sim do olhar do Condor e de seu aspecto diurno. Ainda terei que voltar a falar da caça, sob vários aspectos, mas não como caçador, e sim como observador. A caça é uma regalia, um privilégio dos príncipes; encerra em si a essência do domínio, não só simbólica, mas também ritualmente, em virtude do sangue derramado, banhado pelo sol.

Em razão de meu cargo, compartilho mais do aspecto noturno do Condor. Juntam-se então pálidos rostos com óculos, às vezes como ninhadas de mochos... professores, escritores, literatos, mestres de profissões pouco lucrativas, simples gozadores que contribuem para animar a reunião. A agudeza dos sentidos se transferiu da vista para o ouvido. As insinuações já não estão sequer nas palavras, mas somente no tom e mesmo na mímica — e então tenho de reforçar a atenção. A conversa gira sobre outros temas, especialmente os musicais, e ao que parece a caça só é mencionada sob formas curiosamente veladas. Vale a pena registrar a mudança.

O aposento dispõe de uma excelente instalação acústica. Mantê-la em sintonia é uma de minhas obrigações. O Condor detesta — e até lhe fazem mal — as palavras ásperas ou destemperadas. Daí ter dado outros nomes a alguns dos que com ele convivem e dos oficiais que o acompanham continuamente, zelando inclusive para que sejam eufônicos quando pronunciados sucessivamente. Por exemplo, seu médico Átila, que mal se afasta de seu lado, ele chama de “Aldy”. Assim, quando o Condor me requisita para algum serviço da competência de Átila, diz: “Emanuelo...: Aldy”. Soa bem.

Quando, como todos os que trabalham junto a